

MORAL E NARRATIVAS ORAIS: *ETHOS* EM ATUALIZAÇÃO

Marcelo Rodrigues Jardim¹

Resumo:

O objetivo deste artigo é mostrar quais relações há entre algumas narrativas orais e preceitos éticos considerados pela comunidade narrativa de três distritos da cidade de Londrina, no Paraná: Irerê, Paiquerê e Lerroville. As discussões estão diretamente ligadas a pesquisas que buscaram entender quais elementos podem estar presentes para que uma história receba sentidos morais. A moral apresentada nas narrativas liga-se aos princípios e valores da comunidade geradora, uma ética que organiza e cria uma identidade para o grupo. Está relacionada também ao como a comunidade narrativa percebe esses princípios e valores ao representar poeticamente situações retiradas do cotidiano e ao atualizar narrativas de tradição oral.

Palavras-chave: poesia oral, narrativas orais, ética, moral, distritos de Londrina.

Abstract:

The purpose of this article is to show which the relations between some oral narratives and ethical rules considered by the narrative community of three districts of Londrina: Irerê, Paiquerê and Lerroville. The debates are directly linked with a research which looks for understand which elements can be present for that the narrative receives moral direction. The moral presented in the narratives is connected with the principles and values of the generating community, an ethics that organize and create an identity for the searched group. It is also linked with the way that the narrative community perceives these principles and values when they represent poetically daily situations and update the narratives of oral tradition.

Keyword: oral poetry, oral narratives, ethic, moral, districts of Londrina.

Este artigo relaciona-se diretamente com uma pesquisa de mestrado em Letras, Estudos Literários, desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina entre os anos de 2005 e 2007. Nessa pesquisa, foram feitas recolhas nos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, pertencentes à região de Londrina/PR, e buscou-se verificar qual relação pode haver entre representação ética e comunidade narrativa. No intento de mostrar questões importantes do resultado da pesquisa, este trabalho apresenta algumas narrativas orais, discussões e análises parafraseadas diretamente

da dissertação (JARDIM, 2007a). Interessante comentar que este artigo também está ligado a uma pesquisa de iniciação científica, cujos resultados deram origem ao trabalho publicado no número anterior desta revista (JARDIM, 2007b). Inicialmente, são feitas algumas colocações referentes à moral, as quais servem como base para o desenvolvimento dos argumentos. Em seguida, busca-se mostrar quais fatores podem influir para que um sentido ético se faça presente em uma narrativa oral .

Com relação às regras morais, a manutenção da integridade de um grupo sociocultural e de seus integrantes é uma de suas características principais. Segundo Marilena Chauí (1995), o desejo de evitar dores, sofrimentos e a busca pela felicidade estão relacionados à criação dessas normas de convívio. Sua função social, seja no conjunto, seja numa norma particular, é regulamentar comportamentos nas relações pessoais e comunitárias para que os atos individuais ou do grupo social tragam vantagens para a maioria ou para seu todo (VÁZQUEZ, 1987).

Cada integrante percebe e julga os problemas morais do cotidiano de acordo com o que postula sua comunidade ao utilizar-se de seu senso moral – entendido como a capacidade de notar conflitos de ordem moral – e de sua consciência moral – que é a aptidão de ponderar sobre atitudes a serem tomadas. Ambos, senso e consciência, estão amalgamados à vida cultural, a qual determina quais valores positivos e negativos cada indivíduo deve respeitar ou detestar (CHAUÍ, 1995). Como são socioculturais, estão diretamente ligados a visões de mundo de um espaço e contexto histórico. Assim, pode ser que uma norma seja válida para um grupo e não ser pedra fundamental para outro.

Mas, há aspectos da violência que são percebidos de modo muito parecido em culturas e sociedades diferentes, “formando o fundo comum contra o qual os valores éticos são erguidos” (CHAUÍ, 1995, p. 336). Os valores positivos, que são meios éticos de defesa, são criados quando uma cultura ou sociedade aponta o que é mal, vício e crime contra o indivíduo e/ou contra o grupo (CHAUÍ, 1995). Dessa forma, um ato que não está de acordo com o padrão considerado pela comunidade e que prejudica as relações comunitárias e pessoais será passível de julgamento.

¹ Doutorando em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina. Email: marcelorjletras@hotmail.com

O integrante de um grupo decide um evento de ordem ética com base numa postulação que acredita ser apropriada. Sua decisão trará conseqüências para outros, devido a isso será julgada como certa ou errada. O indivíduo concreto é um ser social “e, independentemente do grau de consciência que tenha disto, parte de determinada estrutura social e inserido numa rede de relações sociais, o seu modo de comportar-se moralmente não pode ter um caráter puramente individual, e sim social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 20). Os indivíduos nascem numa sociedade em que vigoram princípios e valores que não foram criados por cada um especificamente, “mas que cada um encontra como dado objetivo, social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 20). Todavia, o integrante da sociedade/comunidade tem que ter certa margem individual para tomar decisões em relação às normas. Precisa estar consciente de seus atos e do que eles podem causar às outras pessoas, uma vez que somente as ações realizadas de forma livre, consciente e pelas quais o agente assume responsabilidade podem ser julgadas moralmente (VÁZQUEZ, 1987).

Cabe enfatizar que numa sociedade há várias éticas, por exemplo, a ética de uma família, de uma igreja, da escola, das empresas, de uma comunidade, de uma região, de um país etc. Suas convicções podem tanto se opor quanto compartilhar valores, os quais passam a ter características universais.

Uma visão ética comum pôde ser percebida nos relatos de vida dos narradores dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, principalmente quando eles comentavam a respeito do passado e o correlacionavam ao presente. Nessa correlação, apareceram muitas críticas ao modo como as pessoas estão se comportando nas relações sociais. Assaltos, falta de respeito com o adulto, uso de drogas, tráfico de entorpecentes, brigas inseqüentes etc. são problemas corriqueiramente apontados como ameaças que podem desestabilizar essas boas relações.

De um modo muito parecido, correlações podem haver entre as circunstâncias manifestas em uma narrativa com os problemas existentes no cotidiano de narradores e/ou platéia. Muitas narrativas orais recolhidas nessa comunidade representam modos de comportamento, como as histórias de corpo seco (JARDIM, 2006). Ao apontarem aspectos negativos do personagem corpo seco, os narradores reafirmam convicções e sugerem, direta e/ou indiretamente, que determinados

padrões de conduta devem ser seguidos pelas pessoas que integram a comunidade/sociedade.

Outro tipo de história relacionado ao sobrenatural, muito veiculado nos três distritos, são as narrativas de enterro (JARDIM, 2007a). Estas exemplificam modos de conduta os quais geram conseqüências após a morte, devido a não observância dos princípios e valores considerados pela comunidade/sociedade, principalmente no que se refere a não se deixar levar pela avareza. Nas narrativas de corpo seco e de enterro atualizadas nos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, a afirmação de valores foi mais evidente do que o objetivo de atemorizar.

Não só nas histórias em que o sobrenatural se faz presente um sentido moral pôde ser percebido. Em algumas narrativas que não são contadas como fatos reais, evidenciou-se um enfoque ético, sugestões de como se portar diante de dilemas morais. O mesmo aconteceu com os casos de vida, pessoais ou não.

Os narradores percebem e criticam tanto as ações dos personagens da história como as conseqüências dessas ações. Eles comparam as conjunturas com a realidade diária de seu contexto sociocultural, apontando direções que poderiam ter sido tomadas. Muitas vezes, os narradores emitem sutilmente juízos de valor relacionados aos acontecimentos narrados, como nesta narrativa contada por Dona Carmem:

O parente dos meus tio, era tudo valentão, tinha espingarda, tinha facão, tudo reforçado memo. Tinha onça, tinha índio e tudo. Tinha que enfrentar que era brabo, né? E daí eles ia fazer compra lá em Santa Cruz do Rio Pardo. Eles trabalha dois dia, uma dia pra ir, chegava lá, fazia a compra. Depois saía, chegava no outro dia. Fizeram barraco deles lá de pau, né? Não tinha nada, fazer tudo de pau, né? dentro do mato.

O homem tinha uma muié dele e uma filha, foi junto com ele e ele... tinha mais gente nessa época. Carro de boi naquele tempo, só carro de boi, que nem carroça não tinha. Quando apareceu carroça, meu pai falou assim: "Ah! Pareceu um negócio com dois varal assim e um cavalo enfiado no meio." (ri) Não sabia nem o que era carroça. Tinha carro de boi. É. E carro de andar era um... que nem um Jeep. Ih! Quando apareceu aquilo lá, o pessoal ficou encantado com aquele carro também. (ri). E quando o trem de ferro chegou, que veio lá de São Paulo. Na estação, foi fazer a linha, quando chegava na estação, né? Até que chegou lá em Xavante.

Daí foram fazer compra. Sabe o que o índio aprontou? Eles também abusava, né? Foram lá matou a muié do homem e a filha e fincou num pau lá na porta. E foram lá pra... parece amoitaram lá no meio

do mato. Um (incompreensível) muito grande, um barracão, né? muito grande.

A tribo de índio memo, bastante, não era pouco não. E daí chegaram com a compra... E tacaram fogo na casa do homem também. Chegou lá e os outro, não sei os outro, acho que não buliram na casa dos outro, mas aquilo lá ajuntou aquele que matou a muié dele e a filha, os outro, né? Foram sondar onde que eles tava, né? E daí foram de noite lá, diz que levaram espingarda, cartucheira, qualquer coisa que dá bastante tiro, né? E facão, foram prevenido memo, né?

Diz que um dia um véio tinha um fogãozinho assim, né? Ele deitava tudo, uma carreira no barraco assim, pé com pé, tinha um corredor no meio. As índia tudo de um lado e os índio tudo do outro lado e os índio véio ficava no fogãozinho lá, tomando conta deles. Daí eles marcou bem, né? Quando foi umas hora da madrugada, eles foram lá, tacou tiro lá e matou índio, matou índia, matou índio, quase acabaram com os índio tudo. Muito índio correu, trepou nos pau. Em vez de ficar quieto, se apagar, não. Eles gritava lá e batia tiro lá, derrubava eles pra baixo. E tinha um pau grosso assim no terreiro do barraco deles, um galpão muito grande, né? E o indinho novo tinha, tudo os índio lá tinha filho, né? Um frio que tava fazendo, mas dá até dó da gente contar isso. Ficaram tudo peladinho assim, encolhidinho em cima do pau. Foram c'ó facão assim, cortando o pescoço deles. Matou tudo. Dá até dó de contar, né? Meus tio que fez isso. E a outra família também, valentão, né? E aquele homem que perdeu a muié dele c'a filha também, tava ajudando matar, né? Daí foram embora, né?

Passou uns dia, eles voltaram lá. Falou: "Vamos lá ver o que eles fizeram." Eles fizeram um buraco bem grande lá, cortaram palmito, cortaram pau, tudo. Carregou aqueles morto que tava ali, puseram tudo ali naquele buraco, um punhado de (incompreensível) bem grande, tacou tudo aquela pauleira pro cima lá, acho que eles já olharam por algum buraco que ficou lá, né? E sumiram. Veio pro Paraná. Esse índio Xavante. É o índio mais brabo que tinha lá no interior de São Paulo. E daí ficaram lá no sítio, formaram o sítio lá. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A narradora busca a participação do ouvinte e, ao fazer um pré-julgamento, inicialmente dá a entender que o episódio vingativo foi consequência dos próprios atos dos índios, que mataram pessoas ligadas à comunidade de desbravadores. Dona Carmem deixa a impressão de ter presenciado os acontecimentos quando descreve o local em que moravam os índios e como eles estavam distribuídos.

Aos poucos, a narradora vai se mostrando indignada perante os acontecimentos narrados, ao mesmo tempo em que demonstra compaixão pelo destino alheio. Essa compaixão pode ser percebida, principalmente, quando ela confessa: "dá até dó da gente contar isso".

Segundo Ecléa Bosi (1999), ao analisar as teorias de Maurice Halbwachs, as percepções, as idéias, os juízos de realidade e de valor alteram-se conforme o passar do tempo. Portanto, quando uma pessoa lembra e comenta algo de seu passado, muito provavelmente deixará transparecer visões de mundo atuais. Nesse sentido, como Dona Carmem não se mostra indiferente ao que narra, pode-se considerar que um sentimento materno aflora no instante da performance. Os sentimentos aflorados são de uma pessoa que censura a violência contra seres indefesos. Ela atualiza e julga os acontecimentos tomando por base suas convicções atuais, isto é, com base na experiência de mulher, mãe e avó. Assim, a narradora condena as ações tomadas ao lançar um olhar atual, mesmo sabendo que os tempos eram outros.

A comunidade/sociedade de Dona Carmem condena atos desumanos contra o outro, principalmente, crianças. Dessa maneira, o conflito dentro da história é percebido pelo senso moral da narradora, uma vez que seu grupo social tem formas de comportamento um pouco diferentes da época daqueles desbravadores. Sua consciência moral, de modo sutil, reprova a atrocidade. Vale reforçar que o “comportamento moral não é a manifestação de uma natureza humana eterna e imutável, dada de uma vez para sempre, mas de uma natureza que está sempre sujeita ao processo de transformação que constitui precisamente a história da humanidade” (VÁZQUEZ, 1987, p. 17).

Acontece também de o narrador, ao construir seu repertório, dialogar tanto com a tradição oral quanto com instituições presentes no seu cotidiano, ou com outras visões de mundo. Um exemplo nos distritos foi algumas atualizações feitas por seu José Isidoro, o qual agrega novos sentidos às narrativas baseados em sua leitura pessoal. Esse narrador reflete sobre o que narra, explica as histórias e emite sua opinião sobre como deveria ser a forma de conduta. Segue uma narrativa para exemplificar:

Era, nosso Senhor quando andou no mundo, ele chegou...tinha três apóstolo, né? Só não sei como é o nome dos três apóstolo, mas são três apóstolo. Ele chegou na casa do primeiro. Foi. Deu três mil réis, né? A um. Chegou na casa do outro, deu dois. Aí chegou na casa do avarento, do preguiçoso, Ele deu um. O outro, o primeiro, pegou aqueles três e foi ponhar em negócio, né? O dois pegou, o outro pegou o dois foi ponhar em negócio. E o avarento pegou um: “Ah!

Esse aqui não vale nada, eu vou jogar lá no mato. O que eu vou fazer com isso? Isso aqui não vale nada.”

Aí, nosso Senhor passou arrecadando, foi tempo marcado, né? Adespois ele ia passar... apurando. Quando aquele povo, que tá com aqueles livrinho, aquelas receita dos médico pra tirar esmola pra comprar remédio pros doente, vem essa história minha... fico na recordação na memo instante. Que dá o papelzinho a gente, né? Pra gente ler, adespois ele vai lá e vem recadando e pegando aqueles papelzinho e um dinheirinho. Se tem dá, se não tem não dá nada. É outra coisa também errada, a gente tem que dar seje quanto for, tudo ajuda.

Aí, ele pegou o real, pegou aquele um, jogou fora, que num rendia nada. Quando ele chegou, foi na casa do primeiro. Chegou na casa do primeiro: “Oh, fulano! Aqueles, aqueles três dinheiro que eu lhe dei, cê ponhou ele pra render, quanto já tem?” Que até eles pensaram que Ele vinha atrás da renda, né? “Ah! Senhor, tá aqui, têm seis dinheiro. Têm seis...” Como é que a gente quando tá jogando aqui, é tento, né? “...têm seis tento. Senhor me deu três, têm seis.” Ele deu três. Aí chegou na casa do outro, ele disse: “Cumé, vamo repartir?” Ele disse: “Não, esse é seu. Ponha ele em negócio e vai viver com esse rendimento.” Aí o outro já ficou bem de vida, né? Que ele com três tento já fez seis, agora ele ali com seis tento, pronto, ficou bem de vida. Aí chegou na casa do outro. “Fulano aqueles... dois tento que eu lhe dei? Cê ponhou pra render?” Diz: “Ponhei, Senhor. Têm quatro tento. Vamos repartir?” “Não. Cê vai viver com aqueles quatro tento.”

Aí: “Agora eu vou pra casa do...” Mas antes Dele chegar eu apito, você vai ver o preguiçoso, miserável o tanto que ele é! Aquele do, do um tento pra ele, ele jogou no mato, ele não tem nada. Vai vivendo numa miséria, olha! Que só ele mermo. “Fulano?” “Que foi Senhor?” “Cadê aquele tento que eu dei?” “Ah! Senhor me deu lá nada, me deu uma bosta de um tento que tinha aí. Eu não fiz nada com ele, não dava pra nada. Joguei foi no mato. Aquilo ali não é pra ninguém. Eu Senhor? Eu vivo afundado.” “Pois você vai viver afundado mermo.” Aí ficou na miséria toda vida. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Oswaldo Elias Xidieh (1993), em sua pesquisa no Estado de São Paulo, argumenta que muitas das narrativas de “Nosso Senhor Jesus Cristo e São Pedro quando andavam pelo mundo” podem ser atualizações dos evangelhos apócrifos. Todavia, deve-se considerar também que um narrador, como já comentado, recria não só em diálogos com a tradição oral mas também que outras fontes cotidianas perpassam a recriação. Como seu José Isidoro freqüenta as missas da igreja local e citou o nome de padres para legitimar algumas de suas opiniões, resolveu-se consultar o livro principal do cristianismo: o Novo Testamento. Parte-se da premissa

de que um tema narrativo pode estar correlacionado com valores e princípios defendidos, por exemplo, durante um culto religioso e, por isso, ser atualizado mais enfaticamente.

A narrativa está relacionada ao capítulo 25 do Evangelho de Mateus² (Mt 25, 14-30), também consta no Evangelho de Lucas (Lc 19, 11-28), neste considera-se que há uma mistura da parábola de origem com outra³. Provavelmente, seu José Isidoro conhece a versão de Mateus, pois se refere ao dinheiro utilizando o termo “tento” e na Bíblia a palavra usada é “talento”.

Na parábola bíblica, um homem que estava indo viajar ao estrangeiro entrega seus bens a três empregados para que eles cuidassem. Cinco talentos foram dados ao primeiro, dois ao segundo e um ao terceiro. Os valores são entregues conforme a aptidão de cada um. Os empregados que haviam recebido mais dinheiro trabalharam e dobraram a quantia. Por sua vez, o terceiro enterrou o único talento que recebera. O patrão volta da viagem tempos depois e chama os empregados para o ajuste de contas. Aqueles que mostraram zelo pelos pertences do patrão, dobrando a quantia recebida, foram honrados com bens maiores, uma vez que demonstraram fidelidade na administração do pouco. O terceiro entregou o único talento que recebera, alegando que havia escondido o dinheiro porque estava com medo de perdê-lo. O patrão ordena o recolhimento da quantia para entregá-la ao empregado que recebeu dez e manda jogar o terceiro empregado na escuridão. De acordo com as interpretações eclesiásticas, a parábola afirma ser necessário que os seguidores de Cristo partam para a ação e aumentem o conhecimento da palavra de Deus, dado que cada um será julgado segundo seu trabalho.

Seu José Isidoro, no entanto, recria a narrativa conforme a sua interpretação e dá outros sentidos para a história ao criticar àqueles que se deixam levar pela preguiça. Para ele, o crescimento econômico é fruto da dedicação ao trabalho. Na seqüência da entrevista, o narrador pondera a respeito da narrativa, fazendo comparações entre um conhecido seu e o personagem preguiçoso da narrativa. Esse conhecido gastava sem medidas a herança que havia recebido do irmão. A

² Seu José Isidoro narra outras histórias que estão relacionadas ao capítulo bíblico apontado. Verificar Jardim (2007a).

³ Conforme indicado em notas da Bíblia consultada.

ponderação desdobra-se em outra crítica endereçada aos que se dedicam a ganhar dinheiro fácil, como os que vendem drogas sem se importar com crianças e com outros membros do grupo. Ou seja, a narrativa atualizada por seu José Isidoro possibilitou uma seqüência de julgamentos éticos ligados aos problemas cotidianos de sua comunidade.

Apesar de os integrantes da comunidade narrativa dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville emitirem opiniões ao traçarem analogias entre a vida social e as circunstâncias apresentadas nas histórias, pode ser que naquelas narrativas em que o sobrenatural está presente as conjunturas narradas não sejam defendidas enfaticamente, uma vez que qualquer pessoa participante do círculo de narradores pode questionar as explicações sobre algum encantado, porque, devido a mudanças sociais, elas perdem o sentido por não estarem respaldadas por acontecimentos do cotidiano, segue um exemplo:

Esse tipo de boitatá quando cê viu ele de longe, ele é tipo assim de um... igual o tipo de um gambá. Só que ele representa, tipo assim, um tocha de fogo, né? Pulava de um galho no outro, sempre um de lá, outro de cá, sempre acontecia das vez dois, né? Daí meu pai sempre falava, falou: "Ó!" Sempre contando por causa pra nós. Nós era criança, mas só que eu não esqueço até hoje. Então, ele falava: "Ó! Cê tá vendo aqueles dois bicho lá..."

Nós ficava sentado na nossa casa assim, olhando aqueles pinheiro assim, aquele troço atravessava assim ó. Pra lá, um atravessava pra lá, outro atravessava pra cá. Diz que quando um relava no outro, aquilo chegava sair aquele tipo de faísca de fogo. Mas era, acho que era só impressão, né? Porque ali sempre ia um pra lá outro pra cá. Meu pai falava: "Ó! Isso aqui é parente que junta com parente." Mulher assim essas coisas, quando é parente que se junta essas coisas. Casamento que não dá muito certo, separa e depois junta de novo. Que acontece essas coisas, né?

Igual esses dia eu tava comentado com ele: "Mas como é que hoje a turma faz tudo isso aí? Dali um pouco tá descasado, dali um pouco tá juntando, dali um pouco separa, nunca aconteceu, não acontece isso?" Ele falou: "Porque os lugar lá antigamente era lugar mais esquisito, né? É lugar tipo meio esquisito." Até hoje, até hoje eu não gosto muito daquele lugar lá, porque ainda tem muita coisa assim meio esquisita, até agora. Mas só que agora mudou muito, porque, antigamente, a maioria era só mato, né? Pra todo lado que ocê ia, era mato, né? Andava só em picada, essas coisa. Hoje não, hoje tá tudo aberto. Então, parece que aqueles troço vai se ausentando mais pra aqueles lugar mais perigoso, né? Ficando pra mais longe essas coisa, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Como os motivos que levam à transformação em boitatá não encontram respaldo no dia-a-dia, o narrador percebe uma incoerência na história. Mas, mesmo notando mudanças na estrutura social, seu Sebastião não coloca em xeque suas convicções éticas, prefere acreditar que o boitatá não está aparecendo devido às alterações do espaço. Ele pondera a respeito das convicções de sua comunidade e valoriza, provavelmente, a incorruptibilidade do matrimônio, além de condenar relações sexuais entre parentes, por isso dá outra interpretação às circunstâncias. Os princípios e valores de seu Sebastião estão muito ligados à ética de sua comunidade, a qual segue na sua interpretação. As pessoas agem segundo as determinações de sua consciência ética,

mas esta, por sua vez, dita somente aquilo que concorda com princípios, valores e normas de uma moral efetiva e vigente. Assim, portanto, nas suas decisões e no uso que faz da sua liberdade de escolha e ação, o indivíduo não pode deixar de expressar as relações sociais no quadro das quais assume pessoalmente uma obrigação moral (VÁZQUEZ, 1987, p. 158).

No momento em que os narradores atualizam suas narrativas de sentido moral, eles emitem juízos de valor, ou seja, afirmam um discurso moral. De acordo com José Luiz Fiorin (1999), na relação entre discursos, pode tanto haver a exclusão da voz alheia como haver uma produção de sentido que não se opõe a outros discursos, uma vez que todo discurso é a afirmação de uma identidade.

Ao aceitar como válido um discurso atualizado numa performance, o narrador pode não só reafirmá-lo em outra ocasião, mas também transformá-lo de acordo com sua nova interpretação das circunstâncias. Caso se considere que a “consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 1986, p. 35) e que, nesse sentido, há um diálogo permanente “nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (BRAIT, 1997, p. 98), esse discurso pode ainda estar perpassado – seja aceitando, seja negando, seja transformando – por outros discursos presentes na vida social.

Os juízos de valor manifestos em algumas narrativas orais, emitidos na performance, confirmam princípios, valores e normas aceitos pela comunidade ao indicarem, ou sugerirem, como a pessoa deve se portar no meio social.

Na maior parte das vezes, um discurso será atualizado enquanto certos valores morais ainda exercerem uma função social na comunidade geradora. Como foi visto, por exemplo, Dona Carmem sutilmente condena os atos praticados pelos desbravadores contra os índios. Uma condenação que, provavelmente, não aconteceria naquela época devido à moral de muitos deles não condenar a vingança contra estranhos à comunidade. O homem é um ser de relação, por isso se fabrica

permanentemente nas relações, de modo que se produza a si mesmo, em contexto, em momentos, dentro de sistemas ideológicos, dentro de condicionantes morais, segundo tradições e costumes, dentro de linhas de educação, a partir de concepções familiares e grupais, dentro de propostas e projetos de futuro e projeções axiológicas, enfim, historicamente como um ser concreto (BITTAR, 2004, p. 80).

Enquanto ser concreto, o integrante de uma comunidade construirá sentidos morais para sua narrativa conforme o seu espaço e contexto sociocultural de convivência. Por exemplo, no Pantanal sul-mato-grossense, os homens separam seu espaço de domínio em relação a outros seres, encantados ou não. Muitos narradores contam histórias, como as do mãozão (JARDIM, 2007b), nas quais homens que degradam ou desrespeitam o meio ambiente são subjugados por entes que protegem seus territórios. As culturas pantaneiras têm uma forte ligação com o meio ambiente, inclusive, muitas pessoas dependem do meio ambiente equilibrado para a sua subsistência. Devido a isso, surgem regras de comportamento que preconizam ser necessário respeitar a fauna e a flora.

No contexto dos distritos londrinenses, muitos narradores também separam as áreas de domínio do ser humano, e algumas situações que envolvem os personagens são muito parecidas em ambos os contextos. Seu Sebastião, por exemplo, narrou uma história de enterro na qual o “coisa-ruim” leva um homem ao enlouquecimento quando o carrega para dentro do mato:

Mas meu avô, que é o pai do meu pai, esse aí disse que já foram uma vez desenterrar o tal do tesouro. Eles falam que é o coisa ruim, ele fala coisa ruim, nem sei que é coisa ruim, que deve, deve ser um bicho lá, né? Diz que atentou o cara, carregou o cara, foi pro meio do mato lá, e o cara ficou até meio balanceado da cuca uns tempo, atrás de tesouro encantado. Que eles fala tesouro encantado. Foi rancar lá e o trem carregou ele pro meio do mato. Mas diz que ele não tinha medo, mas só diz que quando... bem no fim acabou quase ficando louco.

O cara, o bicho levou ele pro meio das quiçaça lá e andou se perdendo lá. Mas de certo não era pra ele, né? Mas o cara abusou, foi, o trem carregou ele, né? Que aquilo lá, o tal de tesouro encantado, o encanto que eles fala, eles fala encanto, né? Tem que ser pra pessoa certa, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Ao contrário das narrativas do contexto pantaneiro, nessa narrativa, assim como outras, não aparecem questões morais categóricas a respeito da condenação de derrubada de matas. O narrador utiliza o termo “quiçaça”, que designa o mato sem valor. Acontece que, em geral, a identificação maior dos narradores dos distritos de Londrina é com o campo arado e as produções rurais, já que as matas têm uma importância menor para as culturas locais. Todavia, outros preceitos, os quais também podem aparecer em histórias pantaneiras, como respeito ao semelhante, condenação da avareza, do egoísmo, da violência, do consumo de drogas etc., são valorizados pelos narradores dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville por estarem presentes na vida social. Como alguns desses preceitos são colocados em xeque devido a outras concepções de mundo e são desrespeitados com frequência por outros integrantes da comunidade, há uma tendência de as histórias que tratam desses assuntos serem atualizadas mais enfaticamente.

As narrativas orais analisadas revelam o *ethos* do narrador, bem como o *ethos* valorizado pela comunidade narrativa. Em grego, como mostra Marilena Chauí, o termo *ethos* depende da pronúncia ou escrita para a definição de seu significado. Caso a pronúncia ou escrita seja com vogal breve (*epsilon*), significa “*caráter, índole natural, temperamento, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa*” (CHAUÍ, 1995, p. 340). Com vogal longa (*eta*), passa a significar “*costume*”. No primeiro sentido, “*ethos* se refere às características pessoais de cada um que

determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Refere-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais” (CHAUÍ, 1995, p. 340).

Sócrates, na Grécia Antiga, ainda segundo Chauí, se dirigia aos atenienses com a intenção de questionar a respeito do que são os costumes, os princípios e valores vigentes e passados por meio de uma tradição. Simultaneamente, “indagava quais as disposições de **caráter** (características pessoais, sentimentos, atitudes, condutas individuais) que levavam alguém a respeitar ou a transgredir os valores da cidade, e por quê” (CHAUÍ, 1995, p. 340-341).

Por sua vez, Erick Havelock (1996), ao defender sua teoria a respeito do ataque de Platão à poesia, assevera que uma tradição exige uma concretização em algum arquétipo verbal para descrever e reforçar o modelo de conduta válido para todos. “Esse padrão fornece o vínculo do grupo. Precisa tornar-se regular a fim de permitir que o grupo funcione como tal e desfrute do que poderíamos chamar de uma consciência comum e um conjunto de valores comuns” (HAVELOCK, 1996, p. 58). Um enunciado postularia formas de ser e de se portar dentro do grupo para que haja organização. Os poemas, como a *Ilíada* de Homero, seriam meios de conservar na memória viva das pessoas esse enunciado, auxiliando, assim, na manutenção e propagação do *ethos* daquela cultura, bem como dos códigos pessoais e costumes familiares. Naquele contexto grego, Eric Havelock define *ethos* como “um enunciado lingüístico da lei pública e privada (incluindo a história e a tecnologia) comuns ao grupo e que exprimiam sua coerência como cultura” (HAVELOCK, 1996, p. 249).

Mas, no contexto helênico, a “única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e fixidez da transmissão era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar a sua forma,” (HAVELOCK, 1996, p. 59) isto é, no formato de poemas. A memorização era facilitada pela utilização de fórmulas.

Já as narrativas orais dependem de determinados contextos para serem lembradas, e uma lembrança, como comentado, pode receber, no instante da atualização, sentidos diferentes, uma vez que, muito provavelmente, haverá uma (re)interpretação da narrativa, ou dos fatos, e os atuais anseios coletivos e individuais podem estar influenciando nesta nova interpretação. Os valores morais presentes em uma

narrativa estão relacionados a uma construção histórica, pessoal e/ou coletiva, mas também ao como o narrador percebe, afirma, contrapõe e/ou modifica visões de mundo presentes na vida cotidiana.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2005. Edição Pastoral.

BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos: estudos filosóficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social*. Barueri: Manole, 2004.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.

CHAUÍ, M. S. *Convite à Filosofia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. ; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: USP, 1999. p. 29-36.

HAVELOCK, E. A. *Prefácio a Platão*. Trad. Enid Abreu Dobrąnzski. Campinas: Papirus, 1996.

JARDIM, M. R. Além do mal, aquém do bem: moral em narrativas orais referentes ao corpo seco. *Revista Eletrônica Boitató*. vol. 1. Londrina, 2006. <<http://www.uel.br/revistas/boitata>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

_____. *Vozes (po)éticas: a moral em narrativas orais na região londrinense*. Londrina, 2007a. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina.

_____. Voz e Natureza: a moral no mito pantaneiro mãozão. *Revista Eletrônica Boitató*. vol. 3. Londrina, 2007b. <<http://www.uel.br/revistas/boitata>>. Acesso em: 08 jul. 2007.

VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

XIDIEH, O. E. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

Fontes Orais

ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 100min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 90min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 95min (aprox.), K-7.